



A qualidade da informação fundamentada na história do jornalismo brasileiro¹

Janaina Thainá da SILVA²
Kassia de Aguiar SALAZAR³
Victor GENTILLI⁴

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo estudar a história da imprensa brasileira, além de fazer uma análise da evolução de qualidade empreendida pelos jornais no decorrer dos anos. A partir disso, poderemos entender um pouco mais sobre as características do jornalismo realizado no Brasil. A referência central desse artigo é a compreensão do jornalismo como uma atividade voltada para a produção de informação pública para a cidadania. .

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo brasileiro, história, qualidade, evolução

Os primórdios

Quatorze anos antes da separação do Brasil de Portugal, a imprensa e o jornalismo surgiram no nosso país, porém os jornais só podiam ser impressos na Europa. “No período colonial, anterior ao ano de 1808 (implantação da Imprensa Régia), qualquer texto escrito no Brasil deveria ser impresso na Europa ou permanecer na forma de manuscrito” (Lago e Romancini, 2007, p.17). Entretanto, já havia sido instalada clandestinamente no Rio de Janeiro, pelo português Antônio Isidoro, uma oficina de tipografia para impressão em 1746. Esta foi fechada por ordem da metrópole.

O primeiro jornal brasileiro, o *Correio Braziliense*, era escrito por Hipólito José da Costa e impresso na Inglaterra. Foi censurado em 1809, mas circulava ilegalmente. Era favorável aos princípios liberais, ao fim da escravidão, a monarquia constitucional e à liberdade de opinião, segundo Lago e Romancini,

O prestígio do mensário, editado no formato de uma brochura in-octavo – tamanho próximo ao de um livro, como era comum nos jornais da época–, com mais de 100 páginas por edição(daí um preço por assinatura o exemplar relativamente alto), devia-se ao seu caráter crítico, e bem informado, quanto às medidas da administração portuguesa no Brasil. (Lago e Romancini, 2007, p. 25)

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação/Jornalismo da Ufes, email: janaina290@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação/Jornalismo da Ufes, email: kassia.salazar@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação/Jornalismo da Ufes, email: vgentilli@uol.com.br



O uso de instrumentos para impressão tipográfica legalizada dependeu da chegada da Corte Portuguesa ao Brasil. Com a chegada da família real, além dos instrumentos de impressão outras transformações aconteceram no país, como afirma Lago e Romancini,

A transferência do governo português para o Brasil modifica a estrutura da colônia, provocando uma série de transformações no país. Alteram-se em parte as circunstâncias vistas acima e a imprensa é, enfim, implantada aqui, por meio da Impressão Régia. (Lago e Romancini, 2007, p. 21)

Essa Impressão Régia citada acima imprimia documentos do governo, cartazes, sermões, panfletos e além do primeiro jornal impresso no país, *A Gazeta do Rio de Janeiro* de 1808, tendo como redator Frei Tibúrcio José da Rocha. “O jornal era officioso e pouco voltado à crítica e à realidade local”. (Lago e Romancini, 2007, p. 23)

Em 1813 saía da Impressão Régia uma segunda revista de cultura, *O Patriota*, de Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, militar e ex redator da *A Gazeta*.

Em 1821 o jornal *Diário do Rio de Janeiro* foi inaugurado. Ele era distanciado de questões políticas e foi o primeiro informativo do país com publicidade gratuita (notícias sobre crimes, espetáculos, anúncios de escravos fugidos, reclamações e leilões). Lago e Romancini afirmam que,

Este jornal foi bastante popular, sendo conhecido como “Diário da manteiga” (por que trazia os preços de gêneros alimentícios) e “Diário do Vintém” (devido ao seu preço). (Lago e Romancini, 2007, p. 33).

O *Farol Paulistano*, primeiro impresso de São Paulo, surgiu em 1823; Já em 1827 surgiram a *Aurora Fluminense* e o *Diário Fluminense*, ambos órgãos da imprensa absolutista, sendo que o primeiro era considerado liberal e moderado. Neste mesmo ano surgiram o *Observador Constitucional*, escrito por Líbero Badaró e o *Jornal do Commercio*.

No período do Romantismo, de 1836 a 1856, começou a haver uma confluência entre jornalismo e literatura, e uma primitiva especialização na imprensa brasileira. Surgiram periódicos literários como *Minerva Brasiliense* em 1843 e *Ostensor Brasileiro* em 1845. Nesta fase, várias inovações também foram acontecendo no país, boa parte delas contribuiu para melhorar a qualidade do jornalismo. Uma delas foi o telégrafo que chegou ao país em 1852.

Nessa mesma época, o folhetim se disseminou no Brasil, primeiramente por meio da tradução de autores estrangeiros e posteriormente, apareceram alguns autores nacionais que iriam escrevê-los para os jornais. Pode-se destacar Memórias de um sargento de milícia, de Manoel Antonio de Almeida, que foi publicado nos anos de 1852 e 1853 no *Correio Mercantil*, jornal do



Rio de Janeiro e o Guarani de José de Alencar, que alcançou sucesso no *Diário do Rio de Janeiro* de 1857.

Surgiram ainda outros periódicos acadêmicos e científicos como *A revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil* em 1854, a *Imprensa Acadêmica* em 1864, *O jornal das Senhoras* em 1852 e *O Correio Paulistano* em 1854.

A década de 1870 foi um marco de criação de periódicos que defendiam a abolição e a República. De 1870 a 1872 surgiram mais de vinte jornais republicanos, dentre eles *A República*, órgão do Partido Republicano Brasileiro e *A Província de São Paulo*. Nesse mesmo período os escravos eram um dos produtos anunciados nos jornais e ao mesmo tempo assunto de debate, de jornais como *O Radical Paulistano*, *Diário de Pernambuco*, *Correio Brasiliense* e *Jornal do Commercio*.

O fim do século XIX e início do século XX foi marcado pela industrialização das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, e pela expansão do jornalismo regional em alguns centros do Brasil. *A Província de São Paulo* em 1875, *O Diário Popular* de 1884, *A Tribuna* de 1894 e *O Correio do povo* de 1895 são alguns exemplos dessa expansão. No século XIX também desenvolveu o uso de cabos submarinos para transmissão de mensagens telegráficas; além da evolução do sistema de correios na segunda metade do século. O jornalismo beneficiou-se e melhorou de qualidade.

Ainda no início do século XX a caricatura se desenvolveu. O conceito de reportagem gráfica projetou-se na direção que alcança o desenho, seja como charge política, seja como ilustração a antecipar a fotografia. A ilustração popularizou a informação que tomou o nome de reportagem gráfica. Em 1895 o clichê que resultava do processo de **zincografia** que permitia a reprodução de desenhos documentais como se fosse fotografia.

Quanto à imprensa ilustrada, deve-se notar que na segunda metade do século XIX, criou-se nos leitores o hábito de consumir “imagens noticiosas”; pois traziam imagens não só caricaturais, mas também a representação realista de pessoas e fatos, bem como mapas e paisagens, utilizando gravuras em metal, a xilografia e principalmente a litografia. A partir de 1880 a fotorreportagem se desenvolveu continuamente. “Com a melhoria na sensibilidade dos filmes, permitindo os instantâneos e a construção de máquinas fotográficas de manejo mais prático e com maior mobilidade”. (Lago e Romancini, 2007, p. 65).

A revista *O Besouro* reproduziu fotos usando a técnica de gravuras e caricaturas que eram feitas por Rafael Pinheiro. Um exemplo significativo foi a produção de fotos de crianças famélicas na capa sobre a seca no Ceará, feitas por ele. Considera-se este o primeiro trabalho jornalístico importante como uso de denúncia. **(quem considera?)**



A *Província de São Paulo* de 1875 sinalizava a imprensa que se tornaria dominante, adotando posturas como a preocupação com a política e ao mesmo tempo começou a se estruturar como empresa. O jornal tinha muitos anúncios, assinaturas e inaugurou em São Paulo o sistema de vendas avulsas nas ruas em 1876. Outros jornais aderiram ao método, surgindo os jornaleiros e as bancas.

Todo período colonial brasileiro foi marcado por um jornalismo impresso tardio, e em relação a tipografia, o país tinha uma dependência industrial que bloqueava o desenvolvimento de jornais e de livros.

Consolidou-se o uso de prelos nas províncias, e o segundo avanço no plano material foi uma modernização no maquinário (levando a mais tiragens), bem como o uso de ilustrações, principalmente com uso da litografia.

Período republicano

Ao longo do período republicano a atividade jornalística tornou-se empresarial e ao mesmo tempo o caráter opinativo tendeu a perder força e o teor informativo acentuou-se, moldando o jornalismo. As atuações de Euclides da Cunha na imprensa demonstraram essa mudança, e um exemplo disso foi a ida dele até Canudos acompanhar a revolta sertaneja.

A tendência de mudança no jornalismo brasileiro da primeira república (1889-1930) foi gradual; os grandes veículos eram ainda do tempo do Império e a consolidação empresarial dos mesmos só viria depois de algumas décadas do novo regime.

Em termos de composição e de texto, o jornalismo do início do século XX era ainda atrasado. Ele era feito ainda por literatos e confundido com literatura, pois com um círculo de compradores de livros muito reduzido, os escritores procuravam obter notoriedade, bem como recursos econômicos nos jornais. O caráter opinativo tendeu a perder força, o que levou os literatos a migrarem para as revistas – como *Kosmos* ou *Renascença* de 1904.

Inovações mecânicas, divisão de trabalho, a especialização, a racionalização de custos e a conquista de mercados transformaram a velha tipografia, e ampliaram a indústria gráfica buscando melhor qualidade do produto. O desenvolvimento do jornalismo no período do fim do Império para a República, refletiu a economia assinalada em duas transições, primeiro para o trabalho assalariado e segundo para o sistema industrial.

Em 1890, logo após a proclamação da República, *A Província de São Paulo* passou a se chamar *O Estado de São Paulo* e em 1891, Rodolfo Sousa Dantas e Joaquim Nabuco fundaram no Rio de Janeiro *O Jornal do Brasil*, que no início se interessou por temas políticos e literários e



alcançou prestígios. No entanto, após dificuldades financeiras, transformou-se, na década de 1930, num boletim de anúncios (classificados).

Em 1903 rotativas imprimiram as edições movidas por força elétrica. Em 1912 ingressaram nas redações as máquinas de escrever. Unidades impressoras Walter Scott mais velozes e mais modernas substituem as Marinoni; e em 1928 as rotativas Man chegaram, generalizando a cor, os cadernos, os encartes e os títulos e anúncios que saíam em cores.

A composição mecânica, sobretudo o sistema dos aperfeiçoamentos nos processos para uso de ilustrações e fotografias nos impressos, como a litografia, similitravura, heliografia, fotogravura e o off-set se impuseram nesse período.

Aumentaram-se as páginas e anúncios e diversificaram as publicações em função dos diferentes públicos. As revistas ilustradas se mantiveram, mas com melhorias no processo de impressão com uso de cor e da fotografia. Ao mesmo tempo as revistas foram se especializando ao público feminino, aos interesses literários ou mundanos, como *O Malho* de 1902, *Fon-Fon* de 1907 e *Careta* de 1908.

Em 1914 no *Jornal do Brasil* tornou-se possível o anúncio a cores e em 1915 a propaganda foi estampada na página de *O Estado de S. Paulo*, produzido pela agência de publicidade, que, por sua vez, se desenvolveu a partir de 1915 com técnicas de publicidade. Em 1925 chegaram aos jornais as máquinas de impressão em retrogravura a cores.

Em São Paulo o crescimento da imprensa na República Velha caminhou junto com o desenvolvimento regional ligado ao café e ao início da industrialização, como *O Pirralho* de 1911, *A cigarra* de 1914, *Diário da Noite* e a *Folha da Manhã* ambos de 1925 e *O Diário de São Paulo* de 1929. *O Pirralho* e o *Diário de São Paulo* pertenceram a Assis Chateaubriand, que comprou o periódico carioca *O Jornal* em 1924 e começou a empreender a construção de uma rede de jornais, os *Diários Associados*.

Assis Lançaria em 1928 o semanário *O Cruzeiro*, a primeira grande revista nacional. Mais tarde expandiria seus negócios para outros meios como a TV, da qual foi pioneiro. Outro nome dessa época que se tornaria sinônimo de império das comunicações é Irineu Marinho, que fundou *O Globo* em 1925.

Só depois da primeira guerra é que o jornalismo se tornou uma atividade profissional. Começou a se desfazer do publicismo que se baseava na militância opinativa, em que os jornalistas tinham função no governo ou nos partidos. *O Estado de S. Paulo*, com a direção de Mesquita, sedimentou os princípios de uma ética profissional que foi se tornando padrão no âmbito da atividade jornalística, num jornalismo objetivo, idôneo e responsável, numa sociedade livre e democrática. As diretrizes éticas do Estado eram rejeição a censura e defesa da liberdade de



imprensa; um jornalismo de opinião, com participação apartidária; a incorporação e a venda de espaço publicitário ao objetivo do jornalismo e a recusa a anúncios que acirrassem as diferenças de raça e preconceitos de cor.

A influência política da imprensa em geral foi bem menos significativa no plano eleitoral (política) do que sobre as mentalidades, os gostos e as reações primárias do público. O gosto do grande público (a massa) e as pressões da concorrência entre os títulos levaram à exploração do sensacionalismo através de campanhas na imprensa.

Com o crescimento da imprensa e desenvolvimento do país surgiram jornais produzidos por grupos específicos como a imprensa negra ou o periodismo (o que é isso?). Os modernistas além de escreverem em jornais, criaram uma série de revistas como *Klaxon* em 1922, *Revista de Antropofagia* em 1928, ambas em São Paulo; *Estética* em 1924, e *Festa* em 1927 no Rio de Janeiro, e *Verde* em 1928 de Cataguazes. Quanto a imprensa negra, são exemplos *O Baluarte* de 1905 e *A Sentinela* de 1920; *A voz da Raça* de 1953, *Tribuna Negra* de 1945 e *Alvorada* de 1945, sendo que essa foram mais críticas e reivindicatória; e *Revista Raça Brasil* de 1996

O campo político dessa época se misturava com o campo jornalístico. O Partido Democrático lançou um jornal, o *Diário Nacional* onde publicava os feitos da Coluna Prestes, indicando uma aproximação entre a oposição civil e militar.

Com a revolução de 30 o jornalismo sofreu um severo controle. A política de independência e de melhoria nas condições da classe trabalhadora e das camadas médias reforçaram a imprensa, ao permitir uma ampliação do mercado consumidor.

Em 1939, o governo para coordenar a censura ao jornalismo, criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). A DIP produzia o programa radiofônico diário *Hora do Brasil* e de cinejornais de exibição obrigatória nos cinemas. Em 1941, para informar a população sobre a segunda Guerra Mundial, surge o *Repórter Esso*, na Radio Nacional no Rio de Janeiro.

A partir da segunda guerra, percebeu-se a maior existência da influência da ideologia norte-americana nas produções jornalísticas, substituindo os menos influentes modelos europeus. Com práticas de produção, como o lead, o uso da pauta, a padronização gráfica de manchetes e títulos. Na linha de informação destaca-se nos EUA o *New York Times*, e os conceitos de liberdade e objetividade adquiriram centralidade.

Programas de ação editorial começaram a ser usados como uma carta de princípios, porém nem sempre escrito, de aplicação interna e para orientar a editoria nas relações com a redação. Muitas vezes tinha um Ombudsman ou mesmo um conselho de redação, gerando códigos de conduta e Manuais de Redação e estilo. No Brasil, os dois mais notáveis programas de ação datam de 1875 e de 1955. O primeiro é de *A Província de São Paulo* e o outro é da *Folha de S. Paulo*,



liderado por Nabantino. No final do século XIX os jornais brasileiros começaram a investir no serviço exclusivo de correspondentes, um indício de qualidade.

Cláudio Abramo ingressou no *O Estado de S. Paulo* em 1948. O jornal sedimentava uma ética profissional que se tornava padrão para atividade jornalística, numa sistematização na maneira de se organizar uma empresa de informação. “A reforma implicava na modernização das operações do jornal e a introdução de métodos que não eram usados até então nos jornais de São Paulo ou do Brasil”. (Abramo, 1988, p.32).

Ele assumiu ainda, a secretaria de redação do *Estado* em 1952 e em 1961 o *Estado* passava a publicar notícias nacionais na primeira página. O vespertino *Jornal da Tarde* é lançado, filhote de *O Estado de S. Paulo*, sob a direção de Mino Carta.

Outro jornal criado nessa época, a *Tribuna da Imprensa* de 1949, esteve ligada à crise do governo que desembocaria no suicídio do presidente. Criado por Carlos Lacerda o jornal era marcadamente político e combatia Vargas.

Nos anos 50 o *Diário Carioca* implantou a técnica do lead e a novidade do sub-lead, influência norte-americana. Em 1950 a Editora Abril iniciava suas atividades com a publicação do gibi *O Pato Donald*.

Em 1951 Samuel Wainer criou, com apoio de Getúlio Vargas, o jornal *Última Hora* que marcaria época por uma série de inovações, tanto gráficas como no conteúdo. Com diagramação mais arejada, com fotos, caricaturas e manchetes destacadas, dando ênfase no colunismo com escritores como Nelson Rodrigues, Sergio Porto e também reportagens ligadas ao cotidiano popular. E Wainer ainda em 1952 daria início à política de criação de edições regionais com um *Última Hora* em São Paulo.

A geração que iniciou sua carreira profissional no jornalismo nos anos 1950, marcado pelo crescimento econômico, pela política de substituição de importações, pelo regime democrático e pela liberdade de imprensa, participou das transformações nos jornais e revistas do país. Colunistas ensaiaram uma receita de primeira página e discutiram salários dignos para jornalistas.

Nesse período muitos jornais e revistas desapareceram, mas outros surgiram como *Manchete* de 1953, no qual Adolpho Bloch fazia extensas coberturas da construção de Brasília; e *Quatro Rodas* lançada em 1960 pela editora Abril. Já a revista *Senhor* criada por Simão Waisman em 1959, além de reportagens, publicou trabalhos de alguns dos melhores ficcionistas brasileiros da época, como Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Surgiu em 1963 o jornal *Notícias Populares* em São Paulo com o objetivo explícito de competir com *Última Hora*. A partir da edição 24, o jornal passa a submeter-se à censura prévia.



No início dos anos 60, o *Jornal do Brasil*, já consolidado, introduzia sob a direção de Alberto Dines, outros procedimentos modernos, como a organização de um Departamento de pesquisa e a organização temática das matérias no jornal. Ela foi precedida pela reformulação do *Diário Carioca*, no qual adotou o lead e foi criado o sub-lead em 1951.

O *Jornal do Brasil*, sob a direção de Alberto Dines, trabalhou na organização de um Departamento de pesquisa e na organização temática das matérias no jornal:

“Esse espaço de discussão sobre o desempenho da mídia, sobre a responsabilidade e a ética jornalística se abriu quando ele criou os cadernos de Jornalismo no *Jornal do Brasil*. A experiência iria prosseguir com a coluna “jornal dos Jornais” na Folha de São Paulo(1975,77), se estenderia mais tarde à Universidade de Campinas, com a criação do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo(Labjor) nos anos 1990, e estaria na origem do Observatório da Imprensa”(Abreu, 2003, p.73)

Em 1969 um grupo de jornalistas e humoristas do Rio de Janeiro lançou *O Pasquim*. Em 1972 Fernando Gasparian lançou o jornal *Opinião*, tablóide importante da chamada imprensa alternativa. Em 1975 liderados por Raimundo Ferreira, um grupo de jornalistas oriundos de *Opinião* lançou o tablóide *Movimento* que sofreu censura desde o início.

Vários jornais no período da Ditadura foram censurados e fechados, como é o caso do jornal *O Última Hora* de Samuel Wainer que em 1965 foi vendida para o grupo Folha. Com o Ato Institucional 5 a tortura tornou-se sistemática no regime e a censura aos meios de comunicação foi intensa, embora formas disfarçadas ou negadas. No caso da censura prévia, o veículo era avisado pela Polícia Federal que passaria a ter que se submeter os originais a um censor. Foram reprimidos jornais como *O Pasquim*, *O Estado de S. Paulo*, *O São Paulo*, que era um órgão da Igreja católica, o jornal *Opinião*, além da revista *Veja*; o jornal *Movimento* e o jornal *Tribuna da Imprensa*. Essas publicações tentavam alertar os leitores sobre a prática da censura do governo através de mecanismo de edição, exemplo do *Estado de São Paulo* que publicava anúncios, cartas paródicas e receitas intragáveis em locais incomuns, assim como o uso de trechos de *Os Lusíadas*. Outros jornais, como *Opinião* e *Movimento*, usaram métodos similares: faixas em negro, ou trechos da declaração Universal dos Direitos do Homem. Para minimizar os prejuízos da censura, empresas como o *Jornal do Brasil* e a Editora Abril elaboraram normas numa efetiva auto-censura na busca de sobreviver em meio a ditadura. Algumas mídias tentavam apontar certos problemas do período, como a Revista *Realidade* de 1966, do grupo abril, que lançaria também a *Veja*, dois anos depois, *Exame*, em 1971 e num terreno mais ameno *Placar* de 1970 e *Nova* de 1973.

Com o crescimento do mercado das comunicações surgiram vários cursos de graduação em jornalismo e em 1969 a profissão de jornalista recebeu sua primeira regulamentação, com o



Decreto-Lei no 972. Outra melhoria ocorrida na profissão de jornalista foi na década de 1970, quando o diploma passou a ser exigido para o exercício profissional assim como a criação em 1964 do Serviço nacional de informações (SNI), que tinha o objetivo de supervisionar e coordenar as atividades de informações e contra-informações no país. E em 1967 criou-se a Lei de imprensa. Todas essas ações posicionavam o jornalismo como profissão.

A imprensa alternativa se desenvolveu por todo o Brasil associada a fermentação cultural ocorrida no país (e no mundo) nos anos de 1960 e 1970 e também com o movimento estudantil, a revolução cubana, o jornalismo underground norte-americano e a contracultura. A imprensa alternativa se dividiu em duas correntes: a que privilegiava o caráter ideológico-político do jornalismo, com uma orientação marxista e nacional-popular buscando denunciar os problemas sociais; e outra que se voltava para uma ruptura no plano da crítica cultural e dos costumes, com influência do existencialismo, do anarquismo e dos movimentos de contracultura. Ambos, entretanto com uma postura crítica política.

A revista *Pif-paf* de Millor Fernandes, criada em 1964 é considerada como a precursora do jornalismo alternativo. Surgiram outros como *Pasquim* em 1969, no Rio de Janeiro; *Bondinho* de 1970, em São Paulo; *Pato Macho* de 1971, em Porto Alegre e dirigido por Luis Fernando Verissimo; *Coojournal* de 1976, uma cooperativa de jornalistas de Porto Alegre; *Lampião da Esquina* de 1978, do Rio de Janeiro é um pioneiro jornal homossexual. E em São Paulo outros como *Versus* de 1976; *Nós mulheres* de 1976;

Nessa época o *Pasquim* adquire destaque mesclando crítica política e de costumes com humor e novos padrões de linguagem jornalística. Ainda aderiram aos padrões de oralidade (neologismos) na escrita e uma paginação, para a época arejada e com muitas charges. Teve grande sucesso e virou alvo de perseguição, mas também símbolo de resistência.

Entre os jornais, os mais analíticos e críticos foram *Opinião* e *Movimento*. O primeiro tinha um conjunto de ensaios de intelectuais que analisavam questões sociais e políticas, reportagens interpretativas e traduções de textos estrangeiros de fontes como *Le Monde* e *New York Review of Books*, era apresentado em um projeto gráfico que incorporava caricaturas e textos num conjunto sóbrio. O segundo surgiu em 1975 e aglutinava vários grupos políticos de esquerda e propunha uma frente ampla contra a ditadura e maior aproximação com os movimentos populares.

Nos anos de 1970, a *Folha de São Paulo* era o jornal mais vendido em São Paulo, porém não tinha nenhuma influência política, e seguia os ditames do regime militar. Já o *Estado de São Paulo* tinha a coragem de enfrentar a censura e não cedia as ordens dos generais. Em 1974, buscando ser mais influente e de qualidade, a *Folha* dá um passo em direção à mudança em toda sua estrutura, ou seja, a primeira reforma ou os primeiros mil dias, dando um salto de qualidade,



deixando de ser um jornal medíocre para se tornar um jornal de referência. No ano de 1975, a *Folha* traz um novo padrão de qualidade, dando ênfase em opinião, na análise de crítica de mídia, além disso na contratação de bons profissionais.

Na primeira reforma, sob a direção de Cláudio Abramo, aconteceram mudanças no perfil editorial da *Folha*, como na criação da página de opinião e em 1976 a *Folha de S. Paulo* lançou a página op-ed. Abramo se preocupou muito mais com a qualidade da informação do que com a agilidade de produção que o segundo projeto *Folha*, da década de 1980. Talvez por isso, sua passagem pelo jornal *Folha* tenha sido tão breve e pouco aproveitada. Ele defendia o desenvolvimento do profissional, não de produção em larga escala de informação, mas sim na busca de aprimoramentos sempre por uma boa formação jornalística. Assim um profissional da área teria qualidade de caráter, ética e de técnica para escrever sobre qualquer fato no Brasil e no mundo. Abramo, nesse trecho, detalha sua situação no jornal:

Em 1974 eu estava encostado na Folha. Fui convidado para um seminário na Universidade de Stanford, juntamente com Carlos Chagas, Alberto Dines e João Calmon. Convenci Otavio Frias Filho a ir comigo, pois seria bom para ele. No aeroporto, antes de partir, pedi ao Frias pai que, como um favor pessoal a mim, convidasse Dines para trabalhar na Folha pois ele tinha sido demitido do Jornal do Brasil. (Abramo, 1988, pg. 87)

Devido a essas diferenças de pensamentos dentro do jornal, a reforma para em 1977 e continua mais voltado para o mercadológico, na década de 80. A *Folha* novamente passaria por uma reforma editorial, um pouco distinta da primeira principalmente em relação a forma mais rigorosa de trabalho na redação e a exigência, por parte dos idealizadores do Projeto, de aceitação pelos funcionários da reforma. Além disso, a greve de 1979 dos jornalistas em São Paulo preocupou os idealizadores do projeto *Folha*. O receio era que revoluções sindicais se desenvolvem em paralelo à Reforma dentro da *Folha*. Essa greve foi tão significativa para os profissionais, e por isso o medo dos dirigentes da *Folha*, que meses depois estimulou a criação da Associação Nacional de Jornalistas (ANJ).

Em 1981 o Projeto *Folha* criou polêmica na comunidade jornalística, introduzindo no Brasil uma lógica empresarial. Os princípios que haviam renovado o jornalismo da *Folha* se transformaram num exemplo de mecanização da profissão. A empresa jornalística teve uma preocupação em consolidar-se financeiramente, de modo a garantir a independência do jornal.

Nos anos seguintes, o Projeto *Folha* seguiu com as modernizações tecnológicas, como a adoção de computadores, além de dar continuidade nas melhorias no sistema de impressão – a



Folha foi pioneira no uso do off-set, desde 1968 e na distribuição do jornal; além do uso de campanhas de marketing agressivas.

Esse Projeto foi formulado em documentos produzidos pelo Conselho Editorial da *Folha* em 1978 e dava maior racionalidade á produção noticiosa, daí a preocupação técnica, que foi respondida pelo Manual de Redação que entrou em vigor em 1984. O Manual era bem detalhado, tanto no aspecto lingüístico e gramatical quanto no aspecto ético-profissional.

“Pela primeira vez um documento desse tipo desce a minúcias de estilo e comportamento jornalísticos, antecipando o caminho para o manual de redação. Chega –se a discriminar[...] quais matérias que não devem ser assinadas.” (Da Silva, 1952, p.103)

Com o Manual de Redação, muitos jornais começaram a seguir as normas da *Folha*, o que fez crescer sua responsabilidade perante o jornalismo brasileiro. A *Folha* se impôs como uma das principais forças formadoras de opinião pública.

O Projeto preocupou-se também em expressar, de modo inédito, a ideologia jornalística do veículo, na qual, ao lado de aspectos mais gerais como a defesa da livre iniciativa, encontraram expressão idéias sobre como o jornal deveria ser: independente, crítico, apartidário, pluralista em termos do acolhimento de opiniões. Outros pontos, como a ênfase no didatismo e nos serviço ao leitor seriam adicionadas ao projeto, em constantes reformulações, nos anos seguintes

Os terminais de vídeos mudaram a tecnologia das redações implicando num rompimento cultural. Houve um aumento na rentabilidade da produção via automação e no domínio de novas técnicas adicionando a sensação de poder no jornalista com a capacidade concedida para mexer em parágrafos, trocar ordens de palavras, etc. O Ombudsman, iniciado em 1989, tinha uma função que exige independência para sua eficiência. As Diretas Já teve o apoio do jornal Folha de S. Paulo que defendeu e noticiou a vontade popular.

A geração que iniciou a vida jornalística nos anos 1960-70, foi a geração sob o regime militar, da censura aos meios de comunicação somados ao milagre econômico. Já no final da década de 1970, começou uma substituição geracional na imprensa, com a geração mais nova ocupando os postos mais elevados da hierarquia das redações, em paralelo ao crescimento dos meios de comunicação de massa na indústria cultural. Somado a isso tem-se a formação especializada nas faculdades e a informatização das redações ao invés de opinião. Foi também a geração do marketing e pela valorização da área comercial dos meios de comunicação.

O período iniciado pelo governo de transição de Jose Sarney foi marcado pela ampliação da liberdade de imprensa. O jornalismo brasileiro caracterizava-se por possuir sofisticação técnica e



mercadológica, além de forte capacidade em refletir e influenciar o país, da qual o “fenômeno Collor” foi exemplar. Porém a atividade convive com problemas estruturais como na dificuldade do jornalismo em consolidar-se como uma instituição fiscalizadora do Poder Executivo.

Jornais brasileiros vão passando a imprimir a cores. Tal mudança implicou numa troca dos equipamentos, que na grande maioria é adquirida na Alemanha. A Universidade de Navarra produzia projetos gráficos e editoriais para a maioria dos jornais, exceto, *O Globo* que mudou com consultoria de uma universidade americana. Nenhum jornal procurou universidades brasileiras.

Em 2000, em busca do leitor interessado nessa área e num exemplo de parceria, os Grupos Folha e O Globo lançaram o jornal *Valor Econômico*, instigando o interesse da população por economia.

A imprensa se modernizou com o avanço tecnológico nos processos de produção dos jornais impressos, assim como ampliou a ênfase em questões de administração e marketing dos veículos gerando um aumento na vendagem.

A informatização gerou maior controle do material produzido por parte das chefias e propiciou maior racionalidade empresarial aos veículos. Houve muito desemprego e protestos de sindicatos, pois uma série de funções, como as de revisor ou de redator desapareceram. Ao mesmo tempo, os oligopólios levaram ao desaparecimento de jornais diários e a internet gerou uma diminuição de leitores de impresso, por causa do jornalismo online. Cresce o jornalismo de serviços, cadernos especiais como moda e esporte, gráficos, tabelas, colunas de notas, textos curtos, numa linguagem mais acessível.

O padrão de abertura do mercado das comunicações para capitais privados, inclusive estrangeiros, obteve o efeito da oligopolização do setor. O Brasil tem um histórico de concentração do setor, no qual a propriedade dos grandes veículos é, em geral, de empresas familiares e de elites políticas regionais.

As novas tecnologias digitais afetaram o modo de produção jornalístico, agora pressionado pela necessidade de informação em tempo real. Isso tem levado a desregulamentação crescente da atividade e aumento do número de imprecisão nas notícias veiculadas.

Atualmente há a questão da crise dos grupos de mídia nacionais. Entre outros grupos: Organizações *Globo*, o Grupo *Estado* e os jornais *Gazeta Mercantil* e *Jornal do Brasil*. As dificuldades têm raízes no geral, em investimentos em meios que ainda não alcançam lucro, como a internet e a TV paga, dívidas e a retração do mercado publicitário em função da crise econômica.

Referência bibliográficas



ABRAMO, Cláudio, 1988-**A regra do jogo** – São Paulo: Companhia das letras, 1988

JUAREZ, Bahia, 1990-**Jornal, história e técnica, história da Imprensa Brasileira 1**- São Paulo: Ática

ABREU, Alzira Alves de; WELTMAN-, Fernando Lattman; ROCHA, Dora, 2003- **Eles mudaram a Imprensa** – Rio de Janeiro: FGV

ROMANCINI, Richard; Lago, Cláudia, 2007-**História do jornalismo no Brasil** – Florianópolis: Insular

SILVA, Carlos Eduardo Lins da, 1952-**Mil Dias: Seis mil dias depois** – 2.ed – São Paulo: Publifolha